

Handwritten text, possibly a signature or initials, located in the bottom right corner of the page.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL | INSTITUTO DE ARTES / DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
BACHARELADO EM ARTES VISUAIS

Hannah Beineke

CARTOGRAFIAS DESENHADAS
recortes da cidade a partir de caminhadas e mapas urbanos

Porto Alegre
2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL | INSTITUTO DE ARTES / DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
BACHARELADO EM ARTES VISUAIS

Hannah Beineke

CARTOGRAFIAS DESENHADAS
recortes da cidade a partir de caminhadas e mapas urbanos

Monografia apresentada comorequisito parcial à conclusão do curso
de graduação em Artes Visuais - Bacharelado em Poéticas Visuais
do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Sandra Rey

Banca examinadora: Laura Castilhos

Teresinha Barachini

Porto Alegre
2013

AGRADECIMENTOS

À todos que me incentivaram ao longo da construção deste trabalho.

*Ao professor Nico Rocha, pelas aulas de
desenho que deram início à este processo*

*À minha orientadora, Sandra Rey pela
liberdade e confiança*

*Às professoras Laura Castilho e
Teresinha Barachini pelas observações
preciosas da pré-banca*

*À amiga Angela Peyrl pelo auxílio
nas horas certas*

À amiga Dayse pela constante motivação

*À toda minha família por ser
a base de tudo o que faço*

*Ao meu pai, Guima Beineke pelo
incentivo nos momentos de insegurança*

*À minha mãe, Denise Rosa pelas
incansáveis revisões e incentivo*

*À minha dinda Naia Oliveira pelas palavras
sempre sóbrias e motivação para a arte*

*Ao meu irmão Carl que sempre está por perto
quando alguma coisa pifa.*

Ao meu Avô Dirceu pelas sábias conversas

Ao Thiago Ribeiro pelo apoio e paciência

*Aos artistas e colegas que indiretamente fizeram
parte dessa jornada com suas obras e canções que
ilustraram e embalaram meu processo criativo*

*“Meu relato será fiel à realidade ou, em todo caso, à minha
lembrança pessoal da realidade, o que é a mesma coisa.”*

Jorge Luis Borges - Ulrica - O Livro de Areia

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	3	Foto-cartografias.....	31
Sumário.....	5	Cartografia humana.....	32
A construção de um modo de ver.....	13	Mesa de trabalho.....	33
De papeis sobrepostos à mapas.....	7	Montagem da Exposição.....	34
Entre o real e o ficcional.....	10	notas finais.....	28
O Percurso - Um passo depois do outro.....	15	Referências.....	35
SILHUETAS DESENHADAS.....	27		
território - O lugar que habito.....	18		
A escolha e delimitação do território.....	21		
o PROCESSO para fora do ateliê.....	26		
O TRAJETO.....	23		
Silhuetas desenhadas.....	30		

RESUMO

Ao tomar consciência dos trajetos que percorremos dentro da cidade, fiz uma conexão entre minha vida e a minha arte. A partir desta constatação, criei um processo de trabalho envolvendo mapas, realidade, afetividade e caminhadas que acionam memórias sendo a base de meus trabalhos práticos. Para mim, a pessoa é composta pelos trajetos que executa. Os mapas, simbolizando os trajetos, estão dentro de silhuetas que representam as pessoas.

Relacionando a silhueta humana e os mapas, como representação da cidade, proponho uma discussão sobre as responsabilidades individuais nos espaços coletivos de passagem. Quando iniciei este trabalho, como quem inicia um percurso desconhecido, eu não tinha certeza de onde iria chegar e nem dos caminhos que percorreria.

Observar os trajetos, registrar pontos de interesse, comparar as percepções e os materiais das diversas caminhadas que realizei, foram as primeiras etapas de meu trabalho. Estas permitiram que, ao adicionar fragmentos de mapas às silhuetas, eu conseguisse compor plasticamente a percepção que tive dos trajetos.

As cartografias que crio como expressão de um trajeto específico percorrido são um exercício de escala para fragmentos de caminhos reais que represento em novos caminhos ficcionais. Para isto utilizo-me de fotografias do trajeto que percorri, desenhos, recortes e anotações. Na exposição final o expectador não tem a noção dos percursos que realizei, mas as obras podem acionar em sua memória lembranças de trajetos que já tenha percorrido.

A CONSTRUÇÃO DE UM MODO DE VER

Estou sentada à mesa de um café, ouvindo música ambiente e rodeada de livros. Foi mais ou menos num ponto como este que se deu o início deste trabalho. Cada cidade tem um ritmo, assim como cada livro ou música... Eu não moro em Porto Alegre, mas a frequento, e seu ritmo é algo estranho a mim. Ao deslocar-me de Guaíba à Porto Alegre, percebo a aceleração no meu próprio tempo. Esta cidade para onde vou, e que rugem em sua pressa, se desmancha sob a sensação que tive na primeira vez em que percorri este trajeto; torna-se papel; seus prédios robustos são, para mim, como frágeis papéis sobrepostos. Os prédios ganham a leveza do recorte; os trilhos do trem, finos traços; tudo é suspenso nestes segundos em que atravesso de ônibus a Ponte sobre o Rio Guaíba.

Iniciei este trabalho em 2010, quando a única forma de chegar a Porto Alegre era atravessar a ponte. Hoje, minha situação é outra, raras vezes cruzo a ponte, pois posso cruzar o rio de barco. O trajeto que

era longo e cinza com extensos campos verdes, agora é rápido azul e fluido. Assim como este deslocamento, meu projeto ganhou um novo horizonte. A paisagem e os mapas se fundem para criar novas rendas e ganhar uma silhueta.

Em meu processo de trabalho uso a silhueta humana, minha ou de outros, para refletir sobre a atuação da pessoa nos trajetos e a influência destes no meu imaginário. A minha percepção dos percursos é fragmentária, a imagem que tenho na memória é composta por diversas lembranças e imagens. Assim como a visão que tenho da entrada de Porto Alegre é relacionada às primeiras visitas à metrópole, todos os outros percursos que realizo carregam em si a memória de trânsitos anteriores.

Além da carga afetiva, meus percursos carregam a memória dos mapas que utilizo para localizar-me. Quando fui estudar em Porto Alegre, me vi perdida em uma cidade grande. Conhecia algumas ruas, mas não conseguia saber como elas ligavam-se entre si. Eu



Módulos do trabalho na beira do Guaíba com a ilha das pedras brancas e Porto alegre ao fundo

observava as construções e movimentações das ruas com grande interesse, mas não conseguia localizar-me. Esta falta de localização me inquietava. Para me auxiliar meu pai sugeriu que, ao passar por uma rua desconhecida, buscasse compreender sua localiza-

ção no mapa. Com frequência, passei a olhar o google maps procurando situar meus trajetos. Através deste trânsito entre mapas, realidade e afetividade, fui construindo, além de um modo de deslocar-me, uma percepção própria dos percursos.

DE PAPÉIS SOBREPOSTOS A MAPAS

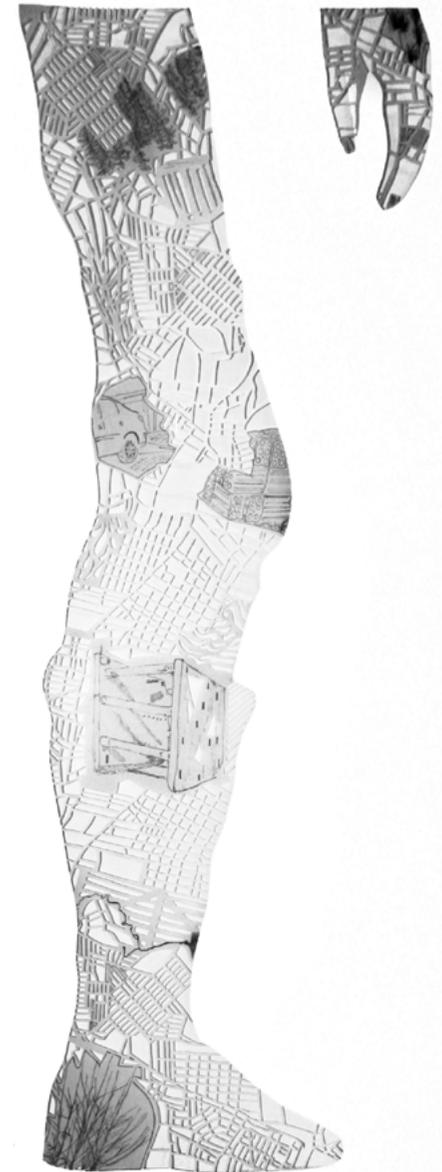
Ao acordar via prédios; uma centena deles sobrepondo-se uns aos outros. Uma linha angulada dividia cidade e céu. A viagem seguia e meus pensamentos se multiplicavam em turbilhão formando ruas, quadras, vistas; imaginando como aqueles edifícios de papel levemente sobrepostos se organizavam como prédios robustos margeando as veias da cidade.

Minha silhueta surge como a da cidade, planificando e redimensionando o tridimensional. Somos, neste instante, apenas um traço, o limite de meu corpo torna-se o limite da cidade. Veias e artérias tornam-se ruas e estradas quando o mapa de minha cidade está dentro da minha silhueta. Transito pelas ruas como por minhas lembranças. O que está fora também está dentro de mim. As paisagens, os sons, as ideias unem-se em memórias.

O mapa que utilizo para localizar-me é do google maps. Aproprio-me desta plataforma digital de localização baseada em imagens obtidas via satélite

por ser de fácil acesso e estar inserida no cotidiano e no imaginário, meu e da população. Utilizo apenas o desenho do mapa, onde são traçadas as ruas, avenidas, rios, etc. Seleciono as partes que me interessam e imprimo para trabalhar nas próximas etapas do processo.

Durante os percursos, tenho os mapas apenas na memória. Posteriormente desenho o trajeto percorrido e vejo de forma plana o percurso que acabei de escrever na rua. Aproprio-me fisicamente do mapa de Guaíba ao transpor fragmentos deste à silhueta. Neste ponto os percursos não aparecem explicitamente, as ruas que percorri estão presentes em algum lugar, o espectador não identificará um ou outro trajeto. Terá apenas a noção de mapa e os desenhos representando lugares e texturas, que tanto podem estar no caminho que percorri quanto em qualquer outro caminho que outrem possa vir a lembrar. Para a compreensão do trabalho final a representação pode ser



*Cartografia humana
(Fragmento), 2013
papel vegetal, recorte e nankin
594x1700mm*

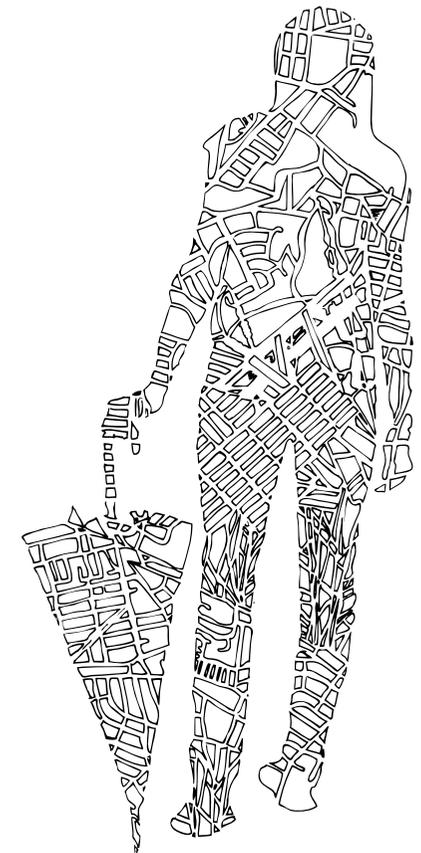
de qualquer um em qualquer lugar. Pode acionar as memórias pessoais de cada pessoa, os caminhos que cada um, individualmente, tem gravado em sua memória. O que vemos é uma silhueta delimitando mapas e desenhos.

Relacionando a silhueta humana como representação do corpo e os mapas como representação da cidade posso propor, entre outras, uma discussão sobre as responsabilidades individuais nos espaços de passagem (coletivos). Uma integração entre os espaços da cidade e as pessoas. Em Cartografias Desenhadas a silhueta é o limite da cidade e tem dentro de si um território próprio, único, onde mapas e desenhos de elementos da cidade formam a figura/pessoa.

Bauman, em *Vida em Fragmentos* coloca que “o indivíduo, o proprietário privativo do corpo, está no comando. A proteção das fronteiras e a administração do território no interior de seus limites são de sua responsabilidade” (BAUMAN, 1995). O território que está dentro da minha silhueta é a cidade em que vivo. Este território seria tanto responsabilidade minha como de todos os outros transeuntes que por ela circulam. Todo aquele que escreve suas próprias linhas pelos caminhos públicos da cidade teria responsabilidade sobre eles. Ao perceber em diversos pontos do trajeto a degradação do espaço público essas reflexões tomam mais força. Percebo que quando o deslocamento é determinado apenas à chegada a um lugar específico, crio uma sensação de ausência e passo a não mais perceber as características do per-

curso. Já, quando o tempo de deslocamento é irrelevante, o trajeto assume um papel contemplativo e passo a estar presente. Percebendo o trajeto passamos a ter um papel ativo nele.

A escrita, assim como os trajetos ativos, é consciente. Certeza compara o ato de caminhar ao ato de escrever e, com isso, está empoderando o cidadão no sentido de dar-lhe a possibilidade de escrever seus percursos de forma consciente. Afirma que “a maioria das pessoas - a maioria de nós - segue, a maior parte das vezes, o hábito e a rotina: comportamo-nos



Silhuetas Desenhadas, 2013
ampliação de desenho
297 × 420mm

hoje da mesma forma como fizemos ontem e como as pessoas ao nosso redor continuam a se comportar” (CERTEAU, 1991). Bauman está nos apresentando uma forma passiva do comportamento do ser humano. O deslocamento é uma forma de comportamento, se abdicamos da “escrita” na forma ativa e passamos a “copiar” de forma passiva, estamos novamente ausentes de nossos próprios trajetos. Estamos abrindo mão da capacidade que temos de ser ativos no percurso. Daniela Cidade descreve este comportamento em seu artigo “Um olhar pela cidade”:

“Os deslocamentos cada vez mais rápidos diante da arquitetura no espaço urbano estabelece uma relação de ausência e presença, pois os elementos do espaço deixam de ser percebidos. Dessa forma, a cidade passa a ser analisada como um enigma visual, não somente pelas contradições que nela estão presentes, mas também por ela se tornar um campo cego.” (CIDADE, 2006)

Para Certeau, o nível de atenção ao trajeto é irrelevante, em qualquer nível fragmentos são assimilados. A cada execução do percurso sobreponho fragmentos do trajeto na memória. Assim como separo, seleciono, reordeno e sobreponho fragmentos de mapas e desenhos, feitos a partir de fotografias, nos trabalhos. Para Milton Santos, é preciso subdividir, esfacelar a totalidade para poder compreendê-la, pois “pensar a totalidade, sem pensar a sua cisão é como se a esvaziássemos de movimento” (SANTOS, 2006). Em relação à percepção do trajeto como escrita, Certeau afirma

que as multidões exageram, distorcem, fragmentam e alteram a ordem da caminhada. Estes movimentos realizo na produção de “Cartografias desenhadas: a cidade”, onde a fragmentação é reordenada criando uma expressão do trajeto que percorri.

*Cartografia humana
(Fragmento), 2013
papel vegetal, recorte e nankin
594x1700mm*



ENTRE O REAL E O FICCIONAL

As cartografias que crio, como expressão de um trajeto específico percorrido, são uma tentativa de transpor o real tridimensional em um suporte bidimensional. Um exercício de escala, em que no micro se represente o macro. Adriano Pedrosa, para falar de Jorge Macchi, define cartografia a partir do conceito ficcional de Jorge Luis Borges em que determinada cidade alcançara tal perfeição cartográfica que seu mapa final era gigantesco e só poderia ser apropriado em fragmentos, assim como a própria cidade. A partir disto Pedrosa define que “a cartografia tradicional é sobretudo um exercício de escala - a transposição do macro para o micro - inescapavelmente resulta em redução e simplificação” (PEDROSA, 2011)¹ e, mais adiante,

“Se reconhecemos os limites da cartografia contemporânea, a sua exatidão utópica e ciência, se aceitarmos o fato de que o mapa perfeito foi desenhado, construído, abandonado e deixado para apodrecer nas

paisagens naturais e urbanas que desejava representar, podemos vislumbrar um novo território para os mapas: um que pertence ao reino da ficção e fragmento, o pessoal e psicológico.” (Pedrosa, 2011)²



1 Tradução livre “Traditional cartography is above all an exercise in scale—the transposition from the macro to the micro—which inescapably results in reduction and simplification”

2 Tradução livre “If we acknowledge the limits of contemporary cartography, its utopian exactitude and science, if we accept the fact that the perfect map has been drawn, constructed, abandoned and left to rot in the landscapes and cityscapes it longed to represent, we may envision a new territory for maps: one that is in the realm of fiction and fragment, the personal and psychological”

*Cartografia humana (detalhe), 2013
papel vegetal, recorte e nankin
594x1700mm*

Pensando os mapas que crio como ficcionais e psicológicos, Cartografias Desenhadas é um mapa dentro deste novo território. São fragmentos de caminhos reais que represento em novos caminhos ficcionais. No trabalho existe pontes com a realidade; fotografias, desenhos ruas; entretanto, não é possível reconhecê-las como representações lineares da realidade. As pontes estão embaralhadas, distorcidas e, por isso, podem assumir não só a representação do lugar específico, bem como de qualquer lugar existente ou sonhado. Assim, como na ficção de Borges, meu trabalho está no limiar da realidade com a imaginação.

Dois trabalhos de Macchi me chamam atenção especial e são descritos no texto de Pedrosa como opostos: Buenos Aires Tour e Amsterdã. Pedrosa define o primeiro como “um ato complexo de investigar e documentar a cidade, é apenas incompleta ou parcialmente realizada, por meio de fragmentos e lembranças” (PEDROSA, 2011). Em comparação dos dois trabalhos define que

“se por meio de Shattered Glass Buenos Aires Tour vai além da grade da cidade para buscar seus elementos intersticiais, na bem conhecida série mapas recortados, Macchi faz o oposto: ele tenta transformar a cidade em rede pura, representando-a através de seu esqueleto. Corta todos os edifícios, quadras e praças de diferentes mapas da cidade, secar a carne e fluidos de diferentes cidades, para deixar apenas as ruas” (Pedrosa, 2011)

Ao secar a cidade, Macchi está deixando aparente apenas o que é transitável, a parte da cidade que pode ser apropriada por todos. Vejo isso como uma semelhança e não, diferença. Em Buenos Aires Tour Macchi transita pelos espaços que restariam se o mapa de Buenos Aires fosse recortado. Se transitar pelas ruas estará cumprindo um itinerário por estas vias que sobraram, captando sons, coletando objetos de uma cidade seca.

Corto as quadras, praças e edifícios de meus mapas. Vazo sua carne, mas não o esvazio, pois o fluxo continua a circular pelas vias da cidade tal qual o sangue flui por minhas veias. Subtraio as porções de terra para poder ver através delas e para acentuar as vias. Antes de sumir com a terra, quero ver as ruas e somente a partir delas poder enxergar as porções suprimidas do mapa. Crio meus mapas a partir dos lugares compartilhados.

No trabalho “Cidades Enigmas”, Daniel Escobar apresenta vazados de mapas turísticos desmontando suas estruturas das ruas e remontando-as pelo verso. Faz uma discussão do espaço enquanto suporte para publicidade, onde o verso de propaganda dos mapas representa o caos de informações dispostas pelo espaço urbano. Meu trabalho se aproxima deste de Escobar por trabalhar com mapas e com o espaço urbano. Não lido diretamente com a questão da publicidade, entretanto, esta permeia os caminhos que realizo no meu dia-a-dia. A minha forma de perceber o mundo também foi influenciada por ela, se levar



Buenos Aires Tour
Jorge Macchi com colaboração de
Edgardo Rudnitzky (sonidos) y Maria
Negroni (textos) - 2004
Libro-objeto
15,5 x 21,5 x 6,5 cm.



Amsterdam (2004)
Jorge Macchi
Papel.
100 x 110 cm.

em consideração que cresci vendo outdoors, flyers, letreiros, comerciais e mais tarde passei a produzir tais peças comercialmente. A publicidade faz parte de meu imaginário, entretanto não aparece de forma explícita em minha produção.

Ao suprimir as ruas e inverter os mapas, Escobar cria um espaço vazio entre as quadras, que, como em uma tela branca, vejo como um convite a pensar e trabalhar. Os fragmentos de publicidade que restam nas Cidades Enigmas de Escobar são justamente as partes que subtraio de meus mapas. Escolho o espaço a preencher, a compor, a pensar. Minha matéria de trabalho está nestas linhas brancas que se formam no vazio entre as porções de publicidade de Escobar. As mesmas linhas brancas escorrem por fragmentadoras de papel formando uma trama representativa

da parte planejada da cidade de Belo Horizonte no trabalho Continuum, também de Escobar. Ele discute a expansão e transformação das cidades. Vivemos dentro da paisagem que nós mesmos modificamos como um espaço de criação contínua entre a terra e o ser humano que a habita e transforma. Andamos pelas ruas que criamos e podemos modificar tanto os trajetos físicos reais, quanto as lembranças e percepções que temos deles. Ao levar o processo de construção de minhas cartografias ao espaço expositivo, quero reforçar esta compreensão de que podemos alterar os espaços através do nosso pertencimento; que podemos agir nos espaços de circulação da cidade. Podemos repensar nossas caminhadas e nossas lembranças.



Cidades Enigmas (2009-2010)
Daniel Escobar

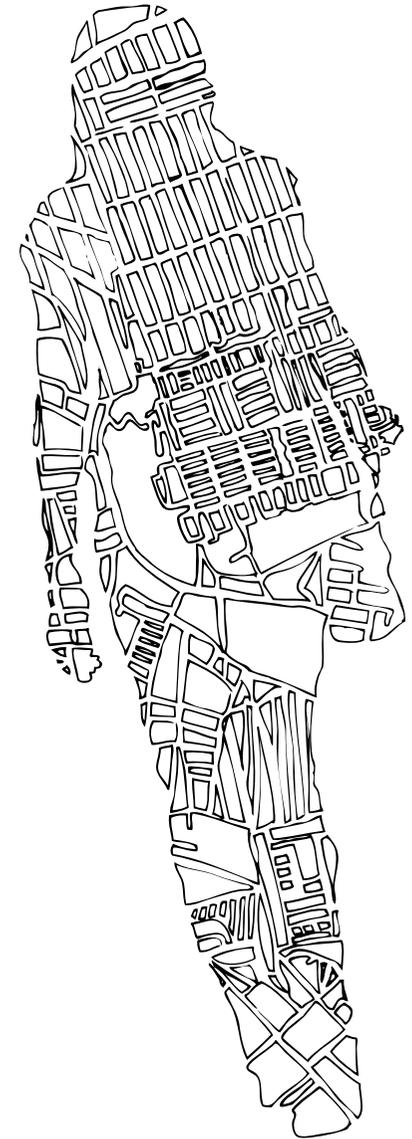
TRAÇO POR TRAÇO

Estas silhuetas já desenhadas com mapas são a base para a fragmentação e criação dos módulos. São expostas como obra, tendo o mesmo sentido do que foi explanado nos capítulos anteriores, porém sem o recorte. O que vemos nelas é a acentuação do traço manual do desenho, pois estas são a ampliação das silhuetas originais portanto, os traços imperfeitos realizados por mim na hora de copiar o mapa, são aparentes. Apesar de serem geradas de forma automática através de cópia de ampliação, o caráter manual é bastante acentuado.

O fazer manual em meu trabalho é uma forma de contra-fluxo da minha tendência aos meios virtuais,

em que não se tem contato com as ferramentas de trabalho. Minha intenção era usar de processos lentos para refletir sobre a pressa e o imediatismo que vivemos. Víctor Grippo, em seu texto “Alguns Ofícios”, fala sobre essa relação com esperança de que se retomem os ofícios manuais. “Há momentos perfeitos no trabalho do homem onde é impossível definir se é ele quem guia a ferramenta ou a ferramenta que move sua mão”.

Ao executar movimentos repetitivos de desenho e recorte busco essa sensação de perfeição no trabalho. Um conjunto entre ser e ferramenta; ser e trabalho; ser e trajeto.



*Silhuetas Desenhadas, 2013
ampliação de desenho
110 × 160 cm*

O PERCURSO - UM PASSO DEPOIS DO OUTRO

*espaço caminho trajeto decorrer decurso discurso
transcurso curso itinerário deslocamento etapa movimento defluência
jornada duração sucessão rota passagem permanência área
digressão direção peregrinação andança trilho
rastro intermeio desvio
estorvo*



Fotografia obtida em uma das caminhadas deste trabalho. Faz parte de uma das foto-cartografias

Estou andando.

Em pleno movimento

Sem mais, paro.

Interrompo o percurso escrevendo uma vírgula no trajeto. Observo vestígios das vidas que compartilham comigo este ponto do trajeto. Vejo um refúgio habitado por um ser que desconheço. Logo adiante pequenas plantas crescem entre paralelepípedos irregulares que cobrem a terra criando uma rua. Árvores cercadas por grades crescem sozinhas deixando entrever fragmentos da imagem do rio Guaíba. Entre passos, olhares, sons, fotografias e desenhos vou compondo minha visão deste trajeto.

A cada passo se abre uma fenda sob meus pés. Essa fenda se estende até o espaço determinado ao próximo passo. Esse pequeno deslocamento sobre esta fenda de espaço me leva a um ponto mais próximo do futuro e me deixa um passo mais longe de meu passado. A rua se esvai e se reconstrói. A medida que ando o trajeto se modifica, se distingue de meus trajetos já realizados e da ideia que tenho para o que está em curso. Enquanto caminho, minha lembrança está no mesmo plano da realidade, ambas ante meus olhos.

A rua não é mais um lugar e sim um deserto. Deserto de peregrinos (BAUMAN, 1995), andantes buscando desenhar suas próprias trajetórias no espaço. Eu sou parte deste deserto, sou neste momento a

própria rua, estou por um instante tal qual as pedras do caminho, inerte marcando um ponto no caminho. Tudo o que vejo é passageiro e se transforma a cada espaço de tempo. Eu me transformo assim como o trajeto.

A escolha de um ponto a capturar no percurso se dá de forma intuitiva. Algo que chama atenção por remeter à alguma memória, sentimento, por poder gerar um registro interessante... a máquina fotográfica que me acompanha é um artigo (in)útil. Grava um instante que já não mais existe. A placa que outrora via-se de ponta-cabeça, agora já está em seu devido lugar. A esquadria encontrada nos braços do poste já desapareceu. O desleixo da permanência nestes, e em muito outros casos, não aconteceu e a ordem foi



Fotografia obtida na primeira caminhada para este projeto

retomada. A fotografia é o registro de um instante ou situação que já não mais existe. Cada registro é um presente que se transfigura em passado gerando uma memória, um modo de acessar virtualmente os



Fotografia da primeira caminhada que posteriormente fora trabalhada na forma de desenho. Ao olhar esta estrutura imediatamente me lembrei das obras de Richard Serra, a partir deste pensamento passei a tentar compreender a forma como me relaciono com os trajetos e as imagens destes.

trajetos quando não mais estou executando-os.¹ A fotografia como registro dos trajetos é, para mim, mais um fragmento de memória dos meus percursos.

O artista Francis Alys em sua convivência na Cidade do México realiza caminhadas como forma de interação. Registra através do vídeo, da fotografia e da memória, presentes que serão refeitos em presentes subsequentes, onde o real e o virtual se confundem. Em *Children's Game #1: Caracoles* (Mexico City 1999 4:34 min.) registra um menino chutando uma garrafa de refrigerante lombada acima, mais adiante este registro se tornará novamente presente ao final de *Paradox of Praxis*, onde arrasta um bloco de gelo e acaba por chutá-lo, quase como em uma brincadeira de criança, até sumir.

Meus percursos são carregados de uma impermanência ambígua similar a que encontro nos trabalhos de Francis Alys. São reais enquanto presentes caminhadas, virtuais enquanto registro e tornam a

ser reais quando são transfigurados em trabalho artístico, no meu caso, quando passam a fazer parte de meu mapas desenhados.

1 “A fotografia é, pois, a articulação entre o que se perde e o que permanece” (SOULAGES, 2005) No trecho “perda e permanência” de seu livro *Estética da fotografia*, Soulages versa sobre como as perdas da fotografia muitas vezes valorizam o instante que foi perdido não por sua importância, mas por não ser mais acessível além da foto. Mais adiante no mesmo livro, nos fala que “a fotografia pertence à esfera de uma estética do fragmento”. A partir do pensamento de Saulages vejo que a fotografia, a partir do ponto de vista do fotógrafo, registra um fragmento bidimensional de uma cena, se torna memória do instante para depois ser trabalhada enquanto imagem digital ou negativo, criando um outro instante sobreposto ao primeiro.



Children's Game #1: Caracoles (Mexico City 1999 4:34 min.)



Acima e abaixo: Cenas da performance Paradox of Praxis



TERRITÓRIO - O LUGAR QUE HABITO

As ruas por onde me desloco, onde trabalho, onde moro, locais de lazer que frequento, são meu território particular. Posso escolher, além de uma localidade, um conjunto de ações para definir meu território. Milton Santos defende que a noção de território se alterou nos últimos séculos, deixando de ser um conceito estático para definir apenas uma localidade. Para Santos “o território são formas, mas o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado” (SANTOS, 1994). Em um livro posterior passa a separar o conceito de território e espaço. Afirma que “a configuração territorial é dada pelo conjunto formado pelos sistemas naturais existentes em um dado país ou numa dada área e pelos acréscimos que os homens superimpuseram a esses sistemas naturais” (SANTOS, 2006), as ações que acontecem nos territórios passam a ser tratadas como espaço. Para restringir meu campo de trabalho delimito meu território na cidade de Guaíba a partir de noções e experiências pessoais. Feito isso, através

de caminhadas inicio a ocupação do espaço limitando-o aos bairros Centro e Engenho.

Caminho em busca de memórias, reescrevendo trajetos que já fazem parte do meu imaginário. Estes trajetos que faço com mínimas alterações estão dentro da zona urbana de Guaíba. Desejo apropriar-me da cidade onde nasci, para onde voltei de tempos em tempos e onde moro atualmente. Cidade que carrega o peso das minhas escolhas, do meu dia-a-dia. De



Fotografia do trajeto percorrido que faz parte das foto-cartografias

onde parto, atravessando o rio, para estudar no Instituto de Artes da UFRGS e para onde volto de barco com a finalidade de trabalhar e descansar.

Guaíba pertencente à Região Metropolitana de Porto Alegre e também à região da Costa Doce. Vizinha da capital do Rio Grande do Sul, tem o rio Guaíba como divisa. No início de sua história, Guaíba era a principal via de acesso da metade sul do estado à Porto Alegre. Escoavam via fluvial, transpondo o rio Guaíba: cereais, papel, papelão e, principalmente, carne e charque.¹ Com a construção, em 1958, da ponte com vão móvel sobre o rio Guaíba a relação dos habitantes da cidade com o rio mudou. Sua subsistência já não vinha mais do abastecimento da capital através do rio e aos poucos cessaram as viagens e as barcas deixaram de funcionar. Depois de décadas sem travessia fluvial, em outubro de 2011 inicia novamente o transporte de passageiros². O retorno da utilização do rio como via alterou novamente a relação das pessoas com o rio e a cidade. Passam a ser vistos outra vez como fonte de renda, agora por meio do turismo.

Desde criança moro no centro de Guaíba. Era um local calmo e, mesmo no centro comercial, a circulação de pessoas e carros não era intensa. Ao longo dos anos a movimentação foi aumentando e a cidade tornando-se cada vez mais mal cuidada e feia. Hoje temos um alto fluxo de pessoas se locomovendo no centro de Guaíba e se torna aparente o aumento da auto-estima da população; a cidade torna a ser mais bem cuidada. O fortalecimento do comércio local,

que vem se intensificando nos últimos anos junto à possibilidade turística que se abriu com o advento da travessia Guaíba/Porto Alegre, contribuíram de forma expressiva para o aumento do fluxo de transeuntes e para a recuperação da cidade.

Meu interesse em observar a movimentação das pessoas e os espaços urbanos já vem de algum tempo. Em 2007 criei o blog “Cidade Apavorada”, com registros pessoais, relatos do cotidiano e poesias. Mais ou menos nesta época, começo a refletir, ainda através da poesia e do texto, sobre a cidade como um todo. Uma das primeiras postagens do blog foi a poesia “Cidade”, onde algumas frases já introduzem a temática que venho desenvolvendo hoje como “Ao olhar a fria rua | multidões desordenadas | Seus vestígios largados | A vida suja entre seus lados”, referindo-me à relação dos habitantes com a cidade, ou “uma ilha segura | Onde o tempo parece não entrar”, ao falar da Ilha das Pedras Brancas, que faz parte de nossa paisagem no rio Guaíba. A Ilha das Pedras Brancas é um local que já foi depósito de pólvora e presídio, hoje tem suas ruínas tomadas pela vegetação. As estrofes referentes à cidade podem servir tanto à Porto Alegre quanto à Guaíba. Relato com tristeza a relação das pessoas com os espaços de passagem. As ruas e os parques eram tratados com desleixo e desdém. De forma tímida e poética, inicio uma discussão das convivências na cidade e a utilização do espaço público.

Outro registro marcante para mim sobre a memória e a cidade está em um caderno de anotações

1 As informações sobre a origem da cidade foram extraídas do artigo “Roteiro Histórico-cultural: “Caminho Farrroupilha” / Guaíba” apresentado ao programa de Pós-graduação da Ulbra/Guaíba, por Míriam Ericksson Leão, licenciada em Artes Visuais pela UFRGS e Ana Gisele Corleta Martinez, licenciada em História pela PURS. Ambas são moradoras da cidade de Guaíba.

2 A empresa Catsul, passa a explorar economicamente a travessia fazendo o transporte de passageiros intermunicipal entre Guaíba e Porto Alegre com catamarãs. <http://www.travessiapoaguaiba.com.br/>

não datadas, mas ainda anterior à poesia. Passei um período de alguns meses sem ir a Porto Alegre e registro a sensação de voltar a andar pelas ruas. Transcrevo aqui um pequeno trecho: “Engano-me ao pensar que tudo permanece igual. A ausência foi pouca, mas o tempo se multiplica e torna tudo diferente.” As pequenas mudanças já se tornavam aparentes para mim. Conforme o tempo foi passando, fui percebendo com mais intensidade estas mudanças que estão sempre acontecendo, tanto na cidade quanto em mim e nas pessoas a minha volta.

Este início de processo carrega reações exageradas, muitas vezes tratando superficialmente questões que retornam a minha produção. O pensar e repensar a cidade permitiu que, aos poucos, eu fosse tratando o assunto de forma menos exacerbada e mais consistente. A busca de novas formas de expressão contribuiu de forma expressiva para o amadurecimento dos meus pensamentos sobre a cidade.

Em 2008 realizei uma série de fotografias, homônima ao blog, onde registro situações gráficas ou peculiares da cidade. Interessam-me situações que



Da série *Cidade Apavorada*, 2008
Fotografia 20x30cm



Fotografias da série *Cidade Apavorada*, 2008
Fotografia 20x30cm

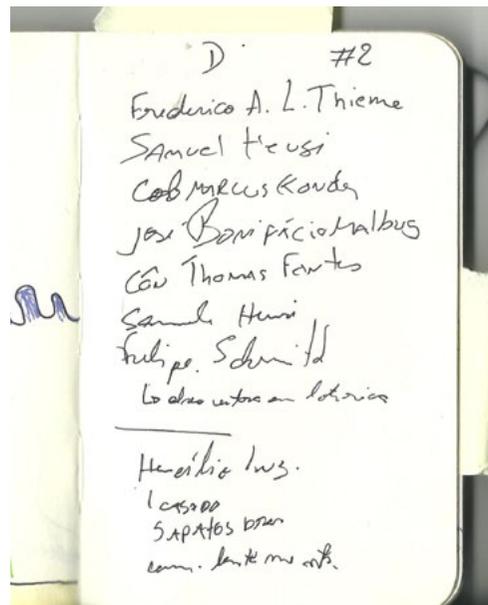
a maioria das pessoas passa diariamente e não percebe, ou que podem ser acentuadas pelo enquadramento fotográfico, como as linhas das faixas de segurança recém pintadas, placas de trânsito deslocadas, fios de luz aparentes. Sem perceber, minhas caminhadas pela cidade já tem início neste período onde saio “para fotografar”, pois já busco refletir sobre as situações e trajetos. Muito da relação que tenho com os percursos que realizo hoje vem dessas primeiras caminhadas onde, muito além de só fotografar, intuitivamente já pensava e, por vezes, alterava os trajetos e as paisagens por onde passava.

A ESCOLHA E DELIMITAÇÃO DO TERRITÓRIO

Iniciei as caminhadas para este trabalho em janeiro de 2013. No começo o trajeto foi realizado de forma intuitiva, apenas levando em consideração o tipo de terreno, por ser mais plano que o resto da cidade e próximo do rio. Saio do centro da cidade, próximo à hidrovária e sigo andando por uma rua paralela ao rio entrando no bairro Engenho. Eu já conhecia o local, entretando nunca havia explorado com atenção suas características visuais. Foi uma experiência particularmente rica pela quantidade de referências que evocou em minha memória, tanto no campo da arte como pessoal. Durante os trajetos, anseio por reconhecer objetos, ruas, pessoas, paisagens conhecidas ou que acionem alguma lembrança. Sigo tentando reter as memórias deste percurso através de desenhos, fotografias e relatos.

A primeira caminhada foi realizada em Guaíba com resultado muito satisfatório. Por ocasião de uma viagem a Itajaí, resolvi tentar reproduzir o mesmo processo lá. Escolhi o ponto de partida por já ser co-

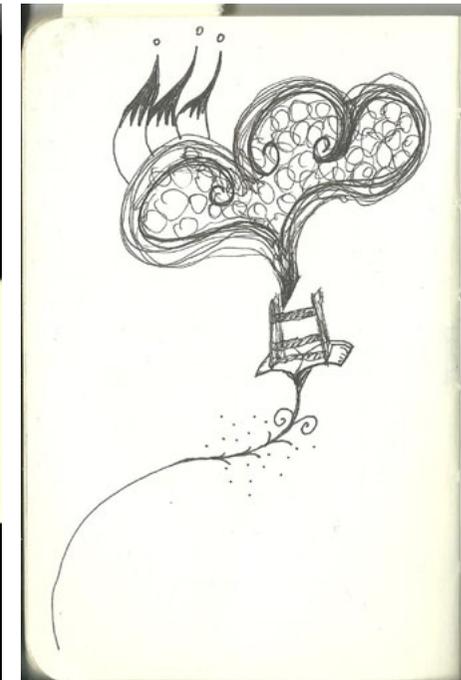
nhecido de outra passada. A localização me preocupava muito ao longo do percurso, seguia anotando o nome das ruas para não perdê-las entre as lembranças. Precisava constantemente de alguma referência para localizar-me. Segui tentando conduzir meu trajeto até o ponto de partida. A relação que tive com



Imagens de meu caderno de anotações onde, à esquerda, registrei o nome das ruas em Itajaí, acima desenhos e notas que fiz durante o percurso realizado em Guaíba

este percurso provocou em mim uma ansiedade muito grande, ao invés de ater-me às qualidades do percurso e ao decorrer da construção do trajeto, eu precisava certificar-me de que andava em “algum caminho”. As memórias acionadas eram por semelhança e diferença a outros lugares. O esforço associativo era grande, e mesmo o de guardar na memória os fragmentos do trajeto suficientes para a produção do meu trabalho.

Ao optar por trabalhar apenas com o trajeto “conhecido”; que já contenha uma carga de lembranças, especificamente o da primeira caminhada, levei em consideração o sentimento de pertencimento que tive durante o percurso que me possibilitava observar com mais atenção os meus interesses nele. Refazendo-o de tempos em tempos pude perceber qualidades visuais, sonoras e sociais que não se mostram tão enfáticas, ou mesmo visíveis, num primeiro exercício. A escolha do território tornou-se então um ponto de grande importância em meu trabalho.

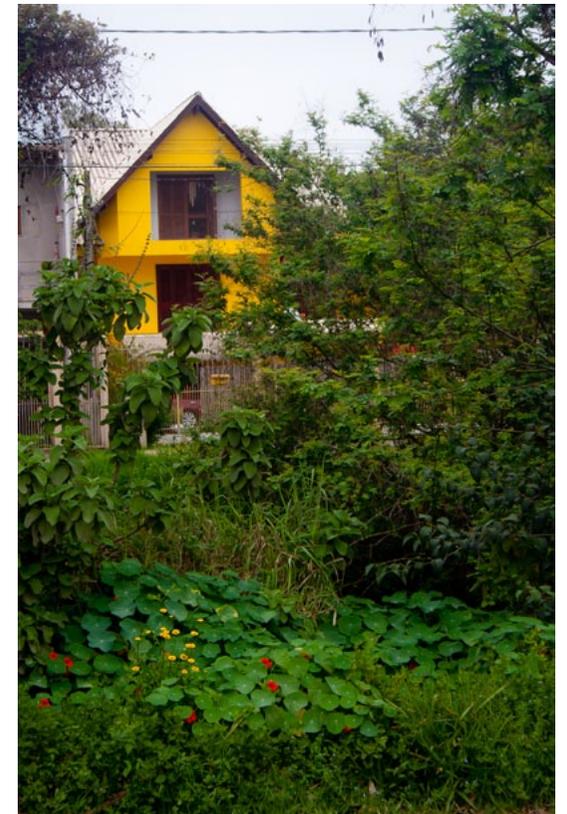


Desenhos realizados durante os percursos

O TRAJETO

“Cruzo a rua, e entro no pequeno jardim de uma casa onde funciona uma academia de balé. Dou a volta na casa, reconheço o quintal com amendoeira, e lembro que aqui morava um conhecido meu, um que dava festas e tinha uma irmã parálitica.”
Estorvo. Chico Buarque

Movo meus pés pesadamente pela rua. Minhas mãos ansiosas equilibram o celular, um bloco de desenho e uma caneta. Vejo uma placa de pernas pro ar, uma esquadria a descansar em um poste, rejeitos nada habituais, pessoas caminhando. Vou fotografando timidamente um e outro evento. Chego a um cruzamento e ouço meus passos silenciarem, crio uma pausa na partitura que meus pés escrevem. Movendo-me novamente, atravesso a rua. Sinto o plano e a textura áspera do asfalto através do fino solado de minhas sapatilhas. As casas surgem nos terrenos



Fotografias das caminhadas realizadas ao longo de 2013.

como se tivessem ali brotado espontaneamente. O trajeto me envolve por completo.

Caminho lentamente adicionando a cada ponto memórias anteriores daquele local. Memórias que muitas vezes pareciam esquecidas retornam no decorrer do percurso. Relacionando semelhanças e diferenças entre o passado e o presente, minha memória pessoal se funde com a memória que construo do trajeto. Lembro de caminhar sobre paralelepípedos irregulares que outrora cobriram a rua. Vejo as casas reformadas e comparo com às que via na infância. Olho para a beira do Guaíba e, só vendo o barro vermelho revolvido, lembro da primeira caminhada na qual deparei-me com uma enorme peça de metal que lembrava as esculturas de Richard Serra.

Quando caminho, meu olhar dança pela paisagem. Meus pés automaticamente desviam dos buracos e obstáculos do caminho. Observo uma flor brotando no valão que transponho sobre uma pequena ponte com vista para o Guaíba. Inúmeras reflexões e lembranças brotam deste ínfimo encontro de meu olhar com a flor. Um saco de “pão” cheio de pedaços de cimento que será em breve levado por um caminhão de lixo. As marcas de uma escavadeira na lama. A grama alta de um ou outro jardim. A cada caminhada vejo, anoto e fotografo coisas diferentes. Percebo que, às vezes, minha atenção está mais focada nas coisas efêmeras; outras, nas permanências mutáveis; outras, nas ações do tempo.

À minha esquerda, posteriormente direita, pois



fui e voltei por esta rua, vejo uma casa em ruínas; um local que já fora habitado antes e hoje vive sua decadência. São gramíneas crescendo descontroladas, árvores espalhando seus galhos por onde outrora não podiam. A natureza restabelece sua ordem. Por diversas vezes, passei a observar as formas das plantas que envolvem os delicados azulejos de um rosa antigo do que tudo indica ter sido um pequeno banheiro; as paredes ora esverdeadas, ora azuladas do restante da habitação destruída; os pilares tombados ao chão envoltos por uma fina camada de grama e pequenas ervas que aderem sua extensão; o muro ruído e o portão de madeira lembrando a porteira um de sítio qualquer.

As muitas casas que vejo no percurso são todas dotadas de uma certa singularidade. Por mais que algumas tenham as mesmas características arquitetônicas, é visível a marca pessoal dos moradores em cada uma. Vemos mais ou menos plantas, em vasos suspensos ou como jardim, acúmulo de entulho, cor-



Fotografias das caminhadas realizadas ao longo de 2013.

tinas na janelas, persianas, sinos, caixas de correio, uma infinidade de objetos e cores se espalham criando os ambientes adequados a cada habitante. Exatamente algumas casas abandonadas, mas que também conservam características individuais de quem um dia já as habitou e da natureza que as ocupa hoje. As casas abrigam pessoas, os terrenos todos pertencem a alguém, a própria margem do rio e as ruas pertencem ao município. O que não é de um é de todos.

Os transeuntes, aqui, vem e vão para algum lugar ocupando o seu lugar comum. Mesmo que circulem poucas pessoas, estamos em um território de passagem. Segundo Michel de Certeau “caminhar é ter falta de lugar” (CERTEAU, 1990,170) e indo de um lugar a outro produzimos um *não lugar*. Quando fala isso, Certeau está se referindo a grandes multidões e comparando as trajetórias dos passantes à uma linguagem. Pela observação do trajeto que realizo, mesmo com menor circulação de pessoas que o relatado por Certeau, esta afirmação também é válida para os meus percursos. Os passantes, e eu mesma, compõem cada qual sua escrita no trajeto: pontos, vírgulas, assíndetos.

Eu mesma, neste trajeto, sou uma passante e escrevo com esta linguagem do caminhar criada a partir de movimentos, imagens, fragmentos de percepções. Certeau compara a percepção fragmentária do percurso à uma figura de linguagem

“O assíndeto é a supressão dos termos de ligação, conjunções e advérbios, numa frase ou entre frases. Do mesmo modo, na caminhada, seleciona e frag-



menta o espaço percorrido; ela salta suas ligações ou partes inteiras que omite.” (CERTEAU, 1990, 168)

A cada caminhada, fui compondo entre pensamentos, projeções, lembranças, fotos e relatos. Refazendo o trajeto, sobreponho fragmentos à minha memória. Alguns elementos se reavivam, outros são deixados de lado. No decorrer de cada percurso, a experiência vivida leva em conta as anteriores. O resultado, quando volto para casa e quedo-me a trabalhar nas cartografias, é a mudança na forma de seleção, ora das imagens, ora dos mapas, ora dos fragmentos que comporão as cartografias. Cada caminhada me proporciona uma experiência única que irá se reunir com todas as outras na minha memória e em meu trabalho.

Fotografias das caminhadas realizadas ao longo de 2013.

O PROCESSO PARA FORA DO ATELIÊ

Quando estou em minha mesa de trabalho, busco lembrar e compreender os percursos realizados. As memórias que registrei, as fotografias, os desenhos e os mapas se unem ao papel vegetal, às canetas e aos bisturis. O processo que realizo é manual, subvertendo a função original, um bisturi cirúrgico passa a cortar os papéis que formam as veias de minha cidade/corpo e os módulos fragmentários de veias extraídas de um corpo/silhueta.

Com recorte realizo três processos: o recorte da silhueta, a fragmentação de uma silhueta previamente desenhada, e o recorte desses fragmentos que serão sobrepostos às fotografias. O processo que disponibilizo ao público é a produção de fragmentos para, justamente, refletir sobre a fragmentação da percepção dos trajetos.

O fazer manual e lento dos recortes permite a reflexão durante o trabalho. Esta reflexão assemelha-se a que faço durante as caminhadas, que também é um

processo lento de deslocamento. O público pode não só ver os materiais de trabalho, como trabalhar em seus próprios fragmentos. A sugestão é dada, entretanto, para quem não queira interagir, só pela observação dos materiais uma reflexão sobre o fazer pode ser levantada pelo visitante.

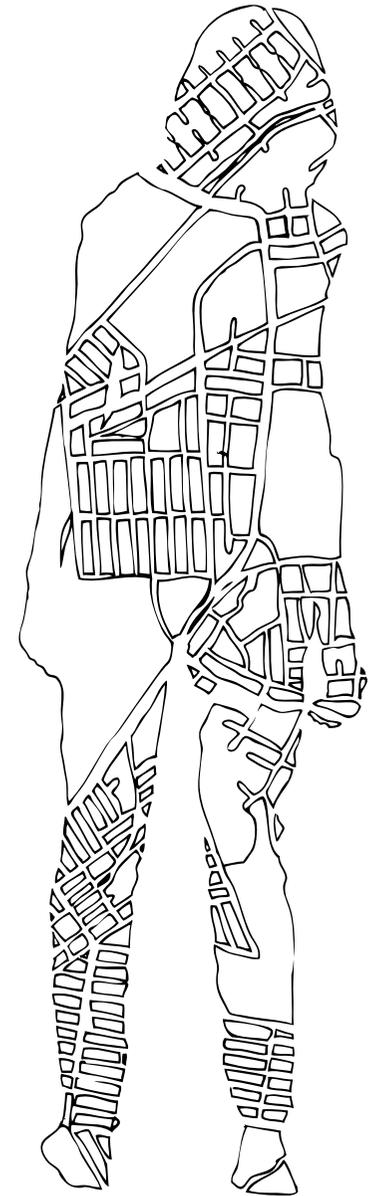
A mesa de trabalho serve também como uma elucidação do processo e como um complemento à imaginação do expectador que pode, a partir dos materiais utilizados, fazer associações sobre o trabalho. Minha intenção com a exposição dos materiais de trabalho é acentuar o caráter manual da produção das peças.

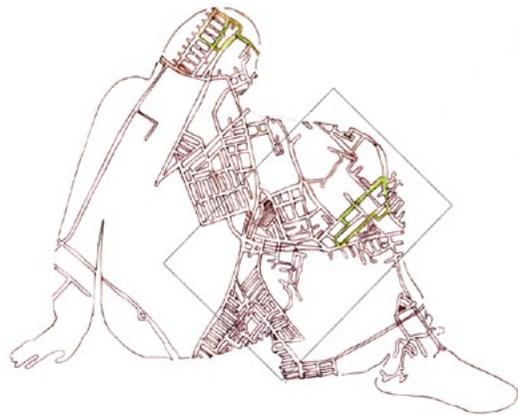
Juntamente aos processos, é exposta uma caixa de vidro com os módulos utilizados como base para os recortes dos foto-mapas. Os visitantes são convidados à reproduzir, alterar ou criar os seus próprios módulos, podendo experimentar o fazer que tive produzindo à exposição.

SILHUETAS DESENHADAS

Após percorrer o trajeto, busco o mapa da região e trato digitalmente para que caiba em uma folha A4 e tenha o contraste adequado para as próximas etapas. Com eles já impressos começo a pensar na silhueta que os conterá. Com ajuda de um tripé, fotografo a mim mesma de costas caminhando. Para a obtenção da silhueta utilizo os mesmos objetos que carregava na caminhada, então algumas silhuetas tem bolsas,

canudos de desenho, guarda-chuva, etc. A partir destas fotografias, seleciono uma para transpor ao papel vegetal e dar início ao processo de desenho dos mapas utilizando os impressos que tratei anteriormente. Com a silhueta e os mapas no papel vegetal, o processo está quase concluído. Levo a uma fotocopadora e amplio para o tamanho A3. Para resultados maiores é necessária a digitalização dos originais e impressão.





Módulos já utilizados

Esquema de produção dos módulos



Módulos

FOTO-CARTOGRAFIAS

Fragmentando as ampliações de “Silhuetas desenhadas” crio módulos de papel vegetal. Feito isso seleciono as fotografias a serem utilizadas, para tratamento digital e impressão. Com as fotos im-

pressas e os módulos prontos decido como vou distribuí-los sobre as fotografias. Corto e desenho as cartografias que sobrepõem-se às fotos em papel branco e vegetal.



CARTOGRAFIA HUMANA

*Cartografia humana
(detalhes), 2013
papel vegetal, recorte e nankin
594x1700mm*

Em duas folhas de papel vegetal do tamanho A1 unidas, desenhei minha silhueta utilizando a mesma de molde. A partir daí, após as caminhadas,

passei a utilizar os mapas e fotografias obtidos para criar os recortes e desenhos dentro dos limites da silhueta.



Minha mesa de trabalho na primeira etapa de Cartografia humana

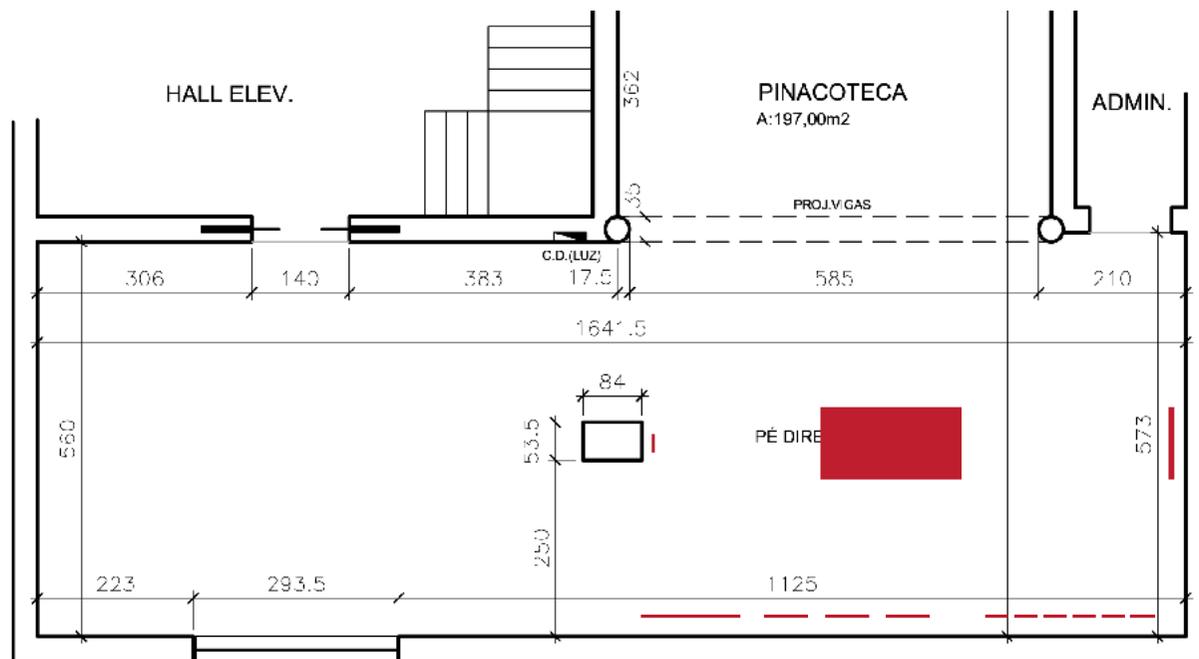


Caixa de vidro 15x15x15cm com módulos

MESA DE TRABALHO

A mesa de trabalho a ser montada na exposição reproduz a que utilizei durante o desenvolvimento das peças que estão sendo expostas. Todos os materiais que utilizei, assim como um trabalho em produção, estão à disposição do público para que seja manuseado.

Na mesa encontram-se um bisturi cirúrgico, pacotes de lâminas, uma base de corte, mapas impressos em folhas A4, papel vegetal, lápis, borracha e caneta. Juntamente com esses materiais, expinho uma caixa de vidro com diversos módulos de papel vegetal.



INSTITUTO DE ARTES - UFRGS
PLANTA BAIXA PINACOTECA

ESCALA 1:100 – DATA 09/11/2004

PRANCHA **01**

Planta baixa da pinacoteca com as obras dispostas

MONTAGEM DA EXPOSIÇÃO

Na parede do fundo, estará a obra “Cartografia Humana”. Em frente a ela, a mesa de trabalho. Na parede lateral, ficarão as “Foto-cartografias” e, após

estas, as “Silhuetas Desenhadas”. Na coluna central da galeria, estarão as silhuetas desenhadas em papel vegetal sobrepostas.

NOTAS FINAIS

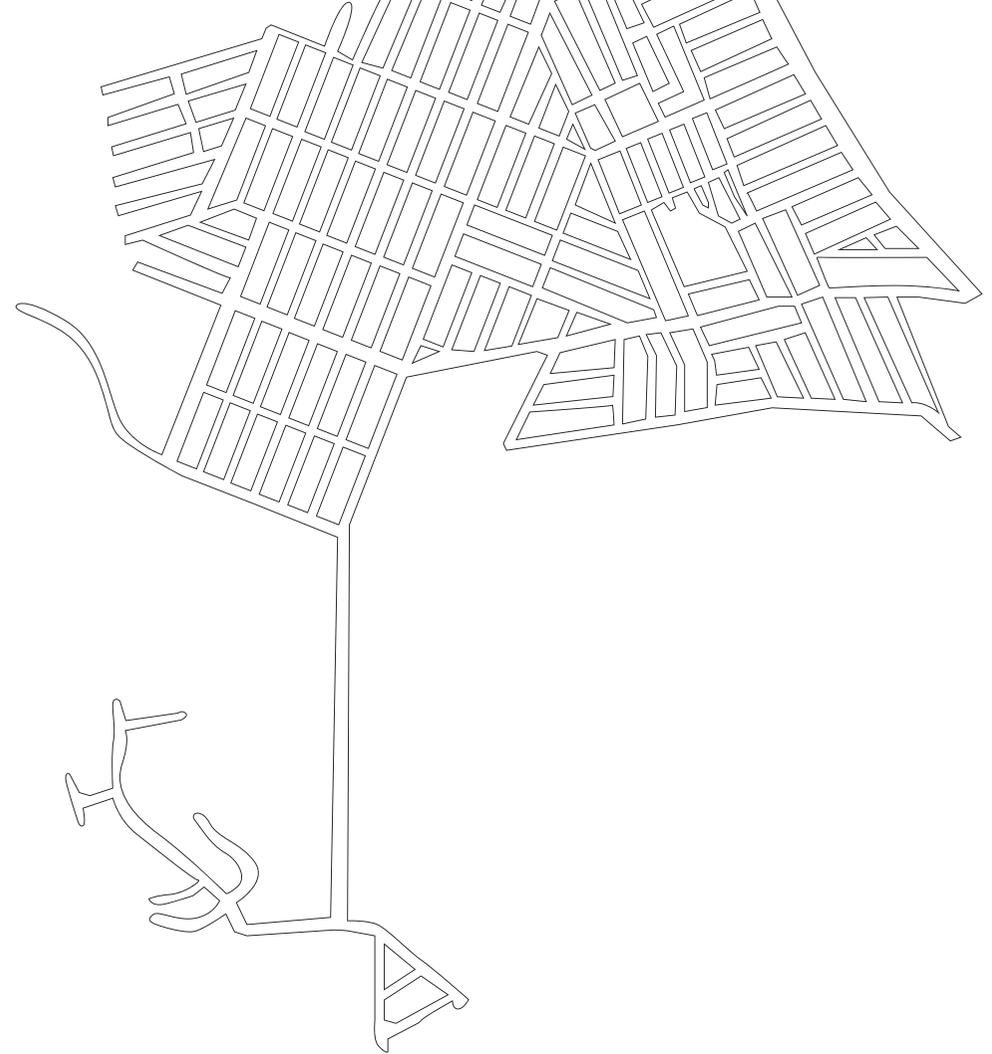
Ao final deste processo de conclusão, busco na memória os fragmentos de lembranças do ano que passou; do ano antes deste em que já vinha desenvolvendo este projeto; de toda minha trajetória anterior na UFRGS e antes dela que possibilitaram a execução deste. Este ano, de conclusão do curso de Artes Visuais, foi para mim um período de intensa reflexão e trabalho de memória. Cada disciplina cursada esteve presente, em algum momento, nesta finalização. Hoje, olhando para trás, vejo o crescimento do meu raciocínio artístico desde o ingresso no Instituto em 2009.

Após a realização dos percursos, e a organização do material capturado nas caminhadas dou início à produção das cartografias. Localizo-me no mapa, desenho e redesenho as ruas e porções de terra fragmentando e sobrepondo os fragmentos de “trajeto”. No trabalho final algumas características de mapas ainda

são reconhecíveis, entretanto não se sabe a que se refere, não há mais nomes de ruas, não existem mais bairros, cidades ou outro elemento de localização. Restou a estrutura fragmentada e sobreposta. Questiono-me sobre a importância de uma localização mínima: é interessante para fazer alguma referência ao local de onde partiu a produção do mapa? Essa questão se resolveu no decorrer do processo. Agora percebo que a localização é importante para que eu construa o trabalho, entretanto não é necessária para quem busca se envolver com o ele. A localização final pode ser qualquer uma que o espectador associe com suas próprias lembranças. Quero provocar o acionamento de uma memória qualquer, e não impor a minha memória ao público.

Outro questionamento que me propus foi a aparição de relatos ou textos no trabalho final. Posterior-

mente, posso vir a trabalhar melhor este ponto. Para este trabalho de conclusão optei por restringir-me ao desenho, recorte e fotografia. Este trabalho é um ponto em minha trajetória, marca o final de uma graduação e o início de um novo processo ainda a se desdobrar. A cidade, os caminhos que percorremos e os recortes ainda podem ser muito explorados e pretendo seguir pesquisando e trabalhando. Quero dar sequencia a este projeto explorando outros elementos dos trajetos como a sonoridade dos percursos ou as cores. Há possibilidade também, de mudar o tipo de suporte criando peças tridimensionais. Esses e outros tópicos podem ser trabalhados em futuras obras e pesquisas.



REFERÊNCIAS

PUBLICAÇÕES

- AUSTER, Paul. A Trilogia de Nova York - 1985. Companhia das Letras, SP, 2ª edição.
- BAUMAN, Zygmunt. Vida em Fragmentos - Sobre a ética pós-moderna. Blackwell Publishing, 1995. Tradução de Alexandre Wernek - Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2011
- CALVINO, Ítalo. Se um viajante numa noite de inverno. Companhia das Letras, 1990, 1ª ed. [Se una notte d'inverno un viaggiatore, 1979] Tradução: Nilson Moulin
- _____. As cidades invisíveis. Companhia das Letras, 1990. 1ª edição. [Le città invisibili, 1972] Tradução: Diogo Mainardi
- CAUQUELIN, Anne. Arte Contemporânea - uma introdução. Marins Fontes, 2005. 1ª [L'art contemporain, 1992] Tradução: Rejane Janowitz
- CERTEAU, Michel de. L'Invention du quotidien 1ª. Arts de faire. Éditions Gallimard, 1990 (trad. It. De Ephrain Ferreira Alves. A Invenção do Cotidiano - Artes de Fazer. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2011)
- CIDADE, Daniela. Um Olhar Sobre a Cidade. Artigo publicado em: I Seminário Arte e Cidade, 23-26 de maio de 2006, Salvador: EDUFBA, 2006
- DEBORD, Guy. Teoría de la deriva. 1958. #2 Internationale Situationniste. Tradução para o espanhol em Internationale Situacionista, vol. I: La realizacion del arte. Madrid, Literatura Gris, 1999
- FERREIRA, Glória. Escritos de Artistas 60/70. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- GULLAR, Ferreira. Cidades Inventadas. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1997.
- MANN, Thomas. Seis primeiras Histórias. Mandarim, 2001. 1ª Ed. [Erzählungen I, 1960] Tradução: Hélio Guimarães
- SANTOS, Milton. SOUZA, Maria A. Silveira, Maria Laura. Território: Globalização e Fragmentação, Editora Hucitec, São Paulo, 1994
- _____. A Natureza do Espaço - Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. (SANTOS, 2006)
- SOULAGES, François. Esthétique de la photographie: la perte et le reste. Editora Armand Colin, 2005. (trad. It. de Iraci D. Poleti e Regina Salgado Campos. Estética da Fotografia: Perda e permanência. São Paulo, Editora Senac São Paulo, 2010)

CATÁLOGOS

(Pedrosa, 2011) Pedrosa, Adriano. Jorge Macchi and the Argentine School of Cartography. Catalogue of the exhibition Music Stand Still at S.M.A.K, Belgium | 2011. In jorgemacchi.com.

MONOGRAFIAS, TESES E DISSERTAÇÕES

(LEão e Martinez) LEÃO, Míriam Ericksson; MARTINEZ, Ana Gisele Corleta. Roteiro Histórico-cultural: “Caminho Farroupilha” / Guaíba. Pós-graduação da Ulbra/Guaíba.

(ANGELI, 2007) ANGELI, Juliana Corrêa Hermes. Percursos urbanos: Novos olhares na arte contemporânea. Dissertação de mestrado. UFRGS, 2007.

INTERNET

(PEREIRA,)PEREIRA, Fernando José. Arte Pública. Artigo publicado em <http://www.arte-coa.pt/> no Arte, Dicionário Crítico. (<http://www.arte-coa.pt/index.php?Language=pt&Page=Saberes&SubPage=ComunicacaoELinguagemArte&Menu2=Autores&Slide=111>) Acesso em 24/06/2013 às 17:25

Site institucional da Travessia Guaíba Porto Alegre (<http://www.travessiapoaguaiba.com.br/site/default.asp?TroncoID=707064&SecaoID=647350&SubsecaoID=0>) Acesso em 22/10/2013 às 08:53

